

O caminho com meu irmão

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Discurso na solenidade de homenagem do Instituto Cultural Lourenço Castanho a meu irmão, Sylvio Luiz Bresser-Pereira e de criação da bolsa de estudos com seu nome. São Paulo, 27 de fevereiro de 2012.

Minha amiga e cunhada, Sylvia Portugal Gouvêa, convidou-me para falar sobre meu irmão, Sylvio Luiz, na cerimônia de lançamento da bolsa de estudos com seu nome instituída pelo ICLOC – Instituto Cultural Lourenço Castanho. Vou falar do nosso caminho a dois durante quase 70 anos. E dos 50 anos durante os quais cada um de nós deu sua contribuição para um Brasil mais desenvolvido e menos injusto. Foi um caminho em que permanecemos sempre unidos. Sem nenhum conflito. Ainda me lembro a última briga com ele. Eu tinha 11 anos e ele 10; naquele momento creio que os dois compreenderam que briga de irmãos não faz sentido.

Nossa origem é a classe média paulistana. Do lado paterno, uma família de advogados e políticos; do lado materno, uma família de educadores públicos. O nome de nosso avô materno, Alfredo Bresser da Silveira, está em dois grupos escolares de São Paulo. Nosso pai, Sylvio Pereira, foi jornalista, advogado, político e romancista; nossa mãe, Clara Bresser, foi educadora.

Com nosso pai, Sylvio Pereira, aprendemos duas coisas fundamentais: princípios morais fortes, e nossa responsabilidade pelo bem público. Este segundo ponto foi muito importante. A política é a arte de fazer compromissos, mas as concessões visando alcançar a maioria só fazem sentidos se forem feitas em nome do interesse público, e não apenas do nosso próprio poder. Com nossa mãe, Clara Bresser, aprendemos as primeiras letras e a sabedoria da vida.

Formação

Os dois estudamos no colégio dos jesuítas de São Paulo, o Colégio São Luiz, mas nossa primeira experiência “pública” foi na JEC e na JUC. Foi nossa abertura para o mundo e para a cultura. Eu entrei primeiro na Juventude Estudantil Católica, a partir de um convite de Jorge da Cunha Lima, amigo de infância, e notável poeta e jornalista. Sylvio Luiz entrou diretamente na Juventude Universitária Católica. Nossos amigos mais antigos e fiéis, como Fernão Bracher, no meu caso, e Luiz Berlinck, no caso de Sylvio Luiz, foram encontrados lá.

Começamos a trabalhar aos 16 anos. Nosso primeiro trabalho foi no jornal de nosso pai, *O Tempo*. Eu fui para o lado do jornalismo, Sylvio Luiz para o lado da

administração. Eram duas vocações que começavam a se manifestar. Fizemos 20 anos em meados dos anos 1950. Sob a liderança política de Getúlio Vargas, o Brasil estava se industrializando aceleradamente desde 1930. Realizava sua revolução nacional e industrial. Em casa, aprendíamos política. Nosso pai foi deputado estadual pelo PTB, nosso tio, Barbosa Lima Sobrinho, participou do governo nacionalista de Vargas, e era ele próprio um grande nacionalista. Mas só realmente descobrimos o nacionalismo quando, em 1955, descobrimos o ISEB – o Instituto Superior de Estudos Brasileiros – e passamos a compreender melhor o Brasil.

Matriculei-me na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Direito, e Sylvio Luiz me seguiu um ano depois. Mas ele logo percebeu que não era o direito que o interessava, e no ano seguinte fez vestibular para uma escola que estava então começando, a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Do meu lado, um pouco mais tarde percebi que também eu não estava interessado no direito. Lendo os trabalhos do ISEB, no início de 1955, eu decidi que seria sociólogo ou economista do desenvolvimento para, assim, contribuir para a industrialização do país. Decidi terminar a Faculdade de Direito, para, em seguida, buscar um curso de pós-graduação que me levasse para o rumo desejado. Informado pelo meu irmão que a FGV estava contratando professores, fiz concurso, e, em 1959, comecei minha carreira acadêmica.

Vida profissional

Antes disso, em 1955, o jornal de meu pai faliu. Foram anos duros para a família. Talvez devido à nossa experiência jornalística, fomos os dois trabalhar em agências de publicidade. Mas uma vez formados, eu caminhei para a carreira acadêmica, enquanto Sylvio Luiz decidiu que seria mesmo administrador de empresas – e foi um grande administrador.

Eu o seguiria nessa rota um pouco mais tarde, e em 1963, depois de haver feito meu MBA nos Estados Unidos, fui trabalhar no grupo Pão de Açúcar. Meu contato com essa empresa, que ajudei a transformar em uma das maiores empresas brasileiras, foi feito através de Sylvio Luiz, que foi colega de Abílio Diniz, e, antes de mim, seu amigo. Mas mantive a minha carreira acadêmica; durante muitos anos tive dois empregos de quase tempo integral. Bem mais tarde, depois de ter tido êxito administrando outras empresas, Sylvio Luiz viria também para o Pão de Açúcar onde foi seu Diretor Superintendente na segunda metade dos anos 1980.

Em 1963 surgiu a Escola Lourenço Castanho. Primeiro, Silvinha, Marilu e Marília criam uma pequena escola maternal, o Pequeno Príncipe, que, em seguida, se transformou no grande Lourenço Castanho. Marido de Silvinha, Sylvio Luiz deu à nova escola seu apoio e seu tempo. Conhecendo sua competência empresarial, as sócias logo o chamam para presidir seu Conselho. Tarefa que ele realizará maravilhosamente até o fim da vida, participando, assim, da fundação e desenvolvimento de uma das grandes escolas privadas de ensino fundamental e médio de São Paulo.

Em 1964, depois de quatro anos de crise política, ocorreu o golpe militar. Em seguida ao Ato 5, de 1968, que aprofundou o autoritarismo do regime, vivemos tempos de chumbo – o momento mais negro do regime militar. Então, já éramos administradores bem sucedidos, mas estivemos sempre na oposição. E Sylvio Luiz mostrou coragem quando abrigou alguns amigos que haviam se envolvido nessa luta.

Nesse mesmo ano de 1964, Sylvio Luiz, que havia se transformado em um notável esquiador aquático (ele “solava” na Represa Guarapiranga) comprou um sítio em Ibiúna, onde havia uma represa melhor preservada; eu o sigo um pouco depois. É aproximadamente nessa época que construímos nossas casas em São Paulo, em terrenos muito próximos.

Desde os anos 1970 estávamos engajados na luta pela democracia. Em 1983 eu participo do primeiro governo democrático de São Paulo, o governo de André Franco Montoro. Em 1985, o Brasil volta a ter um regime democrático. Foi uma longa luta à qual Sylvio Luiz nunca se furtou, não obstante suas responsabilidades profissionais como executivo de empresas.

Os anos 1980 até 1994 serão anos da luta contra a inflação. É quando eu e Yoshiaki Nakano desenvolvemos a teoria da inflação inercial. Sylvio Luiz dá sua contribuição para as novas ideias em nossas longas conversas em Ibiúna. Escrevemos juntos um artigo sobre a indexação das demonstrações financeiras – algo que era essencial naqueles tempos de alta inflação – que foi publicado na *RAE – Revista de Administração de Empresas*.

Nos anos 1990, depois de sua passagem bem sucedida pelo Pão de Açúcar, Sylvio Luiz torna-se sócio do Banco Fator, ao lado de seu querido amigo Walter Apple. Dedicar-se então com intensidade à macroeconomia – uma das minhas áreas de pesquisa na FGV – e faz análises muito competentes da economia brasileira de então.

A luta final

Em todas essas lutas estivéramos juntos. Mas desde meados dos anos 1990 começa uma luta que será dele e de sua querida segunda mulher, Malu Bresser-Pereira. Foram mais de dez anos de uma luta dura, implacável, na qual ele revelou todas as suas grandes qualidades morais: a generosidade, a coragem, e a resignação. Uma luta em que ele era sempre o vencedor. Lembro-me, emocionado, de sua vitória maior, que foi sua participação no casamento de sua filha e minha afilhada, Lu, um pouco antes de morrer.

Em agosto de 2008 ele perdeu a última batalha. E com ele perdemos todos. Perdemos um pai, um marido, um irmão, ou um amigo exemplar. A homenagem que hoje faz a ele o Instituto Cultural e a Escola Lourenço Castanho é mais do que merecida.